

3 O espaço público como discurso

Irene é o nome de uma cidade distante
que muda à medida que se se aproxima dela.
Ítalo Calvino - As cidades invisíveis

O capítulo anterior tratou de apresentar o processo de construção do espaço em Manaus e os discursos que tratam da **Manaus plural**, pela voz de pesquisadores, artistas e gestores e estabeleceu os períodos principais desse processo de construção, lembrando que o presente trabalho trata do período mais atual, marcado pelo discurso da revitalização.

O objetivo deste segundo capítulo é apresentar os espaços públicos do Centro Histórico de Manaus, destacando as mudanças realizadas pelas políticas públicas nesse período de revitalização, compreendido entre 1997 e 2012, com ênfase nos espaços revitalizados e suas características, especialmente o Largo de São Sebastião, que foi adotado como modelo para os outros espaços.

Este capítulo opera com o conceito de espaço público, sendo este conceito construído em etapas. Na pesquisa científica realizada entre 1997 e 1998, intitulada “Inventário e Catalogação de Obras de Arte em Logradouros Públicos do Centro Histórico de Manaus”, o conceito de *logradouros públicos*, adotado pela pesquisadora, consistia nas ruas, becos, praças, jardins de prédios públicos acessíveis aos passantes. Estes percursos possíveis de serem feitos a pé e sem a necessidade de autorização de uso foram entendidos como *logradouros públicos*, de onde foram catalogados os objetos artísticos (Nascimento, 1998).

A categoria *espaço público*, no sentido geral, como compreendem arquitetos e urbanistas, trata-se dos “espaços livres, sem edificação, com acesso público, tais como ruas, praças, largos, parques etc.” (Vaz, Andrade, Guerra, 2008, p. 8). Visto assim, o conceito de espaço público encontra significado em sua materialidade. Para estes autores, a materialidade que define espaço público é, pois, uma

‘categoria física’, de espaços que foram regulamentados “como espaços públicos, de permanência, circulação e passagem” (Vaz, Andrade, Guerra, 2008, 10).

A partir deste ponto, os espaços públicos descritos neste capítulo serão qualificados também nas suas características de “permanência, circulação e passagem”. Mas como medir tais características? Que elementos podem ser adotados para compreender a “permanência” das pessoas nos espaços públicos? Ou que características identificariam um espaço como de “circulação” e/ou de “passagem”? A pesquisa de campo, com visitas aos espaços em questão, apontou alguns caminhos.

Os espaços públicos referidos neste trabalho abarcam praças, largos e parques e também o seu entorno, constituído pelas ruas e construções. No entanto, não se prenderá apenas ao seu aspecto físico, porque como afirma José Aldemir de Oliveira (2000, p. 20):

Na Amazônia, mais do que em qualquer lugar, a memória não se encontra no espaço que se está construindo, mas nos seus construtores, pois cada fragmento do que se produz contém uma parte de quem o faz. É o processo do construir construindo-se, dando a dimensão do não acabado. Neste sentido, a cidade é o lugar do vivido, mas de um vivido espedaçado em que a memória não detém a ação de produzir o espaço, havendo no processo de criação da cidade a predominância do esquecimento e do desenraizamento.

O geógrafo José Aldemir referia-se ao processo de produção geral do espaço na Amazônia, especialmente das cidades do interior do Amazonas. No entanto, e mesmo apresentando características próprias, como a tendência ao cosmopolitismo, Manaus também pode ser lida por essas lentes quando se trata da produção do seu espaço urbano. Esse aspecto já foi visto no primeiro capítulo, quando os espaços públicos revitalizados e voltados para a modernidade do turismo, na primeira década dos anos 2000, modificaram para o “esquecimento e o desenraizamento” da modernidade da indústria, implantada nos anos 1960/70, que por sua vez foi modificada para esquecer a cidade da crise da decadência da borracha, sendo esse período da borracha cuja a modernidade (re) construiu a cidade para o “esquecimento e desenraizamento” de que Manaus nasceu aldeia.

No processo de produção dos espaços públicos do Centro Histórico de Manaus é possível compreender a esfera física, constituída institucionalmente pelas mudanças de traçado e preocupação ou não com o entorno, mas também

essa dimensão do “vivido espedaçado”, o que pode ser percebido nas formas de uso dos espaços, acarretando no conceito de espaço público que se abre para abraçar uma geografia humana em que o espaço é produzido socialmente e marcado pela “dimensão do vivido”. Essa dimensão do vivido do uso dos espaços está em constante choque com as “desigualdades sócio-espaciais” que são intencionais e “revela as mais diferentes estratégias dos diversos agentes produtores do espaço urbano que buscam a partir das condições concretas defender seus interesses” (Oliveira, 2003, p. 20). Nesse sentido, o espaço público é constituído das delimitações das políticas públicas, no seu traçado e normas de conduta e o uso do espaço, associado às relações sociais estabelecidas pelos que usam o espaço, aproximando-se assim, do conceito de “paisagem urbana” defendido por Oliveira (2003, p. 22):

Adota-se como noção de paisagem urbana o resultado das determinações das políticas públicas e das relações sociais de produção, fazendo com que a paisagem cidadina contenha vida, sentimentos e emoções traduzidos no cotidiano das pessoas. Tais relações concretizam-se em espacialidades da cidade real ou imaginária.

Os espaços públicos compõem a paisagem urbana de Manaus e revelam aspectos da cidade. Uma cidade que se modifica, constrói e reconstrói seus espaços, altera suas funções de acordo com o tempo e seus modelos urbanísticos:

Por isso, a cidade não pode ser reduzida à forma, pois a forma pode ser a mesma e ter funções diferentes em tempos diversos. Do mesmo modo não pode se restringir à função. A cidade é produto das relações sociais que se especializam como resultado do modo de ser de uma sociedade em espaços-tempos específicos. (Oliveira, 2003, p. 30)

Costurando tudo estará a memória da pesquisadora, chamada para este capítulo pelo fato de seu recorte temporal coincidir com o tempo de memória que esta construiu nos espaços públicos do Centro Histórico de Manaus. Ora como pesquisadora, traçando e descobrindo caminhos, ora como educadora, ajudando outros a construir caminhos; ora como moradora da cidade que vai ao Centro por questões práticas e/ou por gostar de frequentar estes espaços e preferi-los a outros.

Retomando o recorte temporal, o período a partir de 1997 até 2013 foi marcado pelo discurso da *revitalização*, conforme indicado no capítulo anterior. Dentro deste período, foram revitalizadas quatro praças no Centro Histórico de

Manaus e construiu-se um parque também nessas imediações. Neste segundo capítulo serão apresentados dois grupos de espaços do Centro Histórico: os espaços não revitalizados e os espaços revitalizados. Cada grupo constituído por cinco espaços públicos.

A periodização que foi delimitada neste trabalho, como um quadro de *revitalização* a partir de 1997, apresenta esta data como marco devido à criação da Secretaria de Cultura do Estado e da indicação de Robério Braga como secretário, efetivando uma nova política de cultura do Estado, no governo de Amazonino Mendes. A realidade do Centro Histórico nesse período inicial era de abandono, conforme constatou a pesquisadora, em trabalho realizado nos anos de 1997 e 1998, efetuando a pesquisa de iniciação científica intitulada “Inventário de Obras de Arte em Logradouros Públicos do Centro Histórico de Manaus”, um trabalho premiado na Universidade Federal do Amazonas e que foi publicado em 2013 com o título “Monumentos Públicos do Centro Histórico de Manaus”. Durante o processo de levantamento das obras, a pesquisadora percorreu os espaços públicos do Centro Histórico, compreendidos entre as praças, ruas, jardins externos de prédios públicos para identificar a presença de objetos artísticos. Essa experiência foi importante para identificar, além das obras, a situação de degradação que se encontrava essa área da cidade: lixo acumulado, fontes monumentais desativadas, pessoas vivendo nas praças (inclusive crianças), vendedores ambulantes em todos os espaços, áreas de prostituição, violência, estacionamentos irregulares, prédios abandonados e em ruínas. Tal realidade tornava o Centro de Manaus, especialmente as praças, áreas pouco atrativas para quem ousasse passar por elas. Esta experiência de pesquisa dos espaços públicos, iniciada em 1997 como iniciação científica, e que teve continuidade em monografia de especialização, concluída em 1999 (Obras de Arte em Logradouros Públicos do Centro Histórico de Manaus) e posteriormente como dissertação de mestrado apresentada em 2003 (Patrimônio e Memória da Cidade: Monumentos do Centro Histórico de Manaus), será retomada aqui para a descrição destes espaços antes dos projetos de revitalização. E, a descrição do que mudou e o que foi inserido a partir daí, serão o resultado das pesquisas de campo acompanhadas dos registros fotográficos, efetuados no ano de 2012 e 2013.

O perímetro compreendido como Centro Histórico, está protegido pela Lei Orgânica do Município de Manaus – LOMAM, desde 1990 e tombado pelo Iphan

desde 2012. Em 1989, as “construções de notável qualidade estética ou particularmente representativas de determinada época ou estilo”, foram objeto de proteção da Lei Estadual nº 2044. Sendo assim, os espaços públicos do Centro Histórico são espaços protegidos contra modificações e áreas de interesse de preservação, levando em consideração o traçado, o entorno e as obras dispostas neles. No entanto, para além do espaço físico e suas especificidades de gerenciamento, os espaços públicos são protagonistas e geradores de subjetividade e memória, como está sendo apontado neste texto.

As praças presentes hoje no Centro Histórico de Manaus, são as provas vivas das modificações urbanas ao longo do tempo. Cada uma delas tem seu nome oficial, geralmente homenageando alguém ou alguma data importante para o Estado, mas é conhecida também por uma denominação popular advinda de um evento, da arquitetura do entorno ou das práticas de uso. Esses nomes são usados igualmente pelos meios de comunicação, sobressaindo o nome popular no topo das matérias. No Centro Histórico de Manaus podem ser listadas atualmente dez praças: Praça Dom Pedro II, Praça Dom Bosco, Praça da Matriz, Praça Adalberto Vale, Praça dos Remédios (Torquato Tapajós), Praça N.S. Auxiliadora; e as praças revitalizadas: Praça da Polícia (Heliodoro Balbi), Praça da Saudade (5 de Setembro), Praça São Sebastião e Praça do Congresso (Antônio Bittencourt). Além dos espaços que foram criados: Largo Mestre Chico e Parque Jefferson Péres. Todas estão localizadas dentro do perímetro do Centro Histórico, mas apenas quatro delas passaram por ações de revitalização significativa no período de 1997 a 2012. Segue, portanto, um relato descritivo destes espaços, classificados em dois grupos de acordo com a situação de preservação: os espaços não revitalizados e os espaços revitalizados (ver Figura 6).

Ainda que os espaços sejam aqui agrupados nestas duas categorias de revitalizados e não revitalizados, essa ideia de homogeneidade é fragmentada no detalhe. Como a cidade de Irene, que “muda à medida que se se aproxima dela” (CALVINO, 1990, p. 115). Nesse sentido, a descrição procurará apresentar as especificidades de cada um destes espaços.

3.1

Manaus dos espaços não revitalizados

Os espaços não revitalizados, tratados neste texto, referem-se às praças que ainda não foram adequadas ao modelo de revitalização iniciado com o Largo de São Sebastião. Todas passaram por algum tipo de reforma/restauro no início dos anos 2000, mas que levaram em conta apenas o espaço da praça e seus objetos incluídos nela, conforme descrito a seguir.



Figura 6: Mapa do Centro Histórico – Espaços Públicos
 Fonte: Empresa de Turismo Sérgio Viagens – Adaptação: A autora

 Espaços não revitalizados	 Espaços revitalizados
1 - Praça Dom Pedro II	1 - Praça 5 de Setembro
2 - Praça Dom Bosco	2 - Praça Heliodoro Balbi
3 - Praça da Matriz	3 - Parque Jefferson Pérez
4 - Praça Adalberto Vale	4 - Praça Antônio Bittencourt
5 - Praça Torquato Tapajós	5 - Largo de São Sebastião

3.1.1

Praça Dom Pedro II

A história da cidade de Manaus pode ser contada por praças como a Dom Pedro II, localizada no começo da Avenida 7 de Setembro. Esta praça é um dos lugares mais antigos da cidade, já foi chamada de Largo do Pelourinho, no período provincial e Praça da República, no período republicano (NASCIMENTO, 2003). Durante o período da borracha, era no entorno desta praça que funcionavam os principais “teatros, bares, cabarés, cafés e edifícios públicos” (FUMTUR, 1996). No entorno da praça, estão o Paço Municipal, onde funcionou a Prefeitura até o final dos anos 1990; o Arquivo Público; o Palácio Rio Branco, prédio com características ecléticas, mas que foi inaugurado nos anos de 1930; e as ruínas do Hotel Cassina, que fora um dos espaços frequentados pela elite da borracha, que depois do declínio desta, passou a ser chamado de Cabaré Chinelo. Este prédio do Cabaré Chinelo está entre os dez itens da lista de espaços contemplados pela Prefeitura, com os recursos do PAC Cidades Históricas, aprovados em 2013. Além do nome de Praça Dom Pedro II, também é chamada de Praça da Antiga Prefeitura ou Praça das ‘Meninas’ (uma referência ao uso como espaço de prostituição). Na Rua Bernardo Ramos, um dos limites da praça, encontram-se as duas casas mais antigas da cidade e no final o Forte de São Vicente, onde antes era a Ilha de São Vicente, hoje funciona uma base da Marinha. Todo o espaço da Praça juntamente com o Paço Municipal integra um projeto de revitalização da Prefeitura em parceria com o Programa Monumenta, do Governo Federal, que ainda não foi concluído. Nesse processo de recuperação da praça, em 2003, durante escavações, foram encontradas urnas funerárias, revelando a área como um antigo cemitério indígena. Posteriormente, durante a fase de restauro do Paço Municipal, foi evidenciada a presença de cerâmica sob a construção. Os achados arqueológicos deram um novo direcionamento e ritmo ao projeto de restauro da praça. No entanto, as intenções de transformar o espaço em uma espécie de santuário, foram perdidas, juntamente com uma das urnas, vítima de curiosos em busca de ‘ouro no pote’.

Esta praça foi entregue à população sem grandes modificações. O coreto e a fonte decorativa (do mesmo modelo da fonte que se encontra no Jardim Botânico do Rio de Janeiro) receberam pintura verde. Não houve modificação no entorno.

O Paço Municipal foi inaugurado no final do mandato do Prefeito Amazonino Mendes (exatamente no último dia, 31 de dezembro de 2012), para ser fechado pelo seu sucessor Arthur Neto, pois a reforma não estava concluída. Meses depois foi reaberto, passando a funcionar como Museu de Artes Visuais. O prédio do Palácio Rio Branco, desde os primeiros dias de janeiro de 2013, passou a abrigar o gabinete da Prefeitura, e é sede da recém-criada Secretaria de Requalificação do Centro Histórico. Esse ato marcou o retorno da Prefeitura para o Centro Histórico, uma vez que a mesma havia se retirado no final dos anos 1990.

A Praça Dom Pedro II tem apenas umas das vias com trânsito intenso, devido ser esta via uma das ligações para o Centro. Durante o dia, o fluxo de pessoas e carros é pequeno, aumentando devido aos despachos da Prefeitura no Palácio Rio Branco. Na praça ainda podem ser vistas as mulheres que fazem ‘programa’ e os lavadores de carro (alguns moram nas ruas do entorno). No final da tarde, o espaço fica mais ventilado devido a proximidade do rio, ao mesmo tempo em que fica perigoso devido a falta de iluminação. Caso alguma mulher, mesmo durante o dia, resolva parar e descansar em um dos bancos da praça pode gerar uma situação de conflito entre as mulheres que lá trabalham ou ainda receber alguma proposta de algum homem. No entanto, a praça, passa uma impressão de que está seca e sem vida, o que não oferece convite aos passantes para permanecerem nela. Para grupos maiores, a Praça Dom Pedro II é mais acolhedora. Algumas manifestações de grupos ligados às artes (visuais, teatro, música, dança, literatura), realizam eventos no local. Nesses momentos, o espaço ganha vida e se torna mais agradável.

3.1.2

Praça Dom Bosco

Pequenas praças como a Dom Bosco, localizada entre as ruas Epaminondas (por onde passam os ônibus em direção ao Terminal da Matriz) e da Instalação, também contribuem para contar a história da cidade. Ela tem um formato triangular e tem esse nome devido ao Colégio Dom Bosco que compõe seu entorno. Construída em 1905 pelo Superintendente Adolpho Lisboa, ela foi chamada de Praça Uruguayana e era atravessada por uma linha de bondes (NASCIMENTO, 2003, p. 65). Até o final dos anos 1990, o espaço da praça era

ocupado por uma lanchonete, uma banca de revistas e uma central de rádio taxi. Algumas árvores ajudavam a compor o ambiente de praça, com bancos e postes de iluminação. Em 2002, houve uma restauração a partir de um projeto da Prefeitura denominado ‘Eu Amo Manaus’. Os bancos foram trocados e os postes de iluminação modificados. No centro da praça, onde antes se via, sob um pedestal, o busto em bronze de Dom Bosco, vê-se agora uma escultura de corpo inteiro de Dom Bosco com duas crianças ao redor, em cimento branco. Esta escultura é similar à outra que está presente nos jardins de outro prédio da instituição, localizado nos arredores do Centro Histórico. Depois do restauro, a praça contou também com oito bancos de madeira com estrutura em ferro, três pequenos postes com duas lâmpadas, quatro depósitos de lixo, sete palmeiras, a banca de revistas e a lanchonete (saindo a rádio taxi). Há duas placas no pedestal da escultura: em uma delas, descreve-se a homenagem à figura que dá nome à praça, “Encerrando a celebração dos 80 anos do Colégio Dom Bosco, a associação de ex-alunos entrega à comunidade amazonense a nova estátua de D. Bosco, recordando o aniversário natalício (16.08.1815) do pai e amigo dos jovens. Manaus, 16 de agosto de 2002”; a outra placa traz o registro de quem ocupava as funções de gerenciador da cidade nesse período, o Prefeito era Alfredo Nascimento, Empresa Municipal de Urbanização – M^a Auxiliadora Dias Carvalho, Secretaria Municipal de Obras, Saneamento Básico e Serviço Público – Paulo Herban Maciel Jacob Filho, Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano – José Roque N. Marques (Presidente). Além destas informações, aparece a indicação de “Rest.: agosto/2002. Eu Amo Manaus”. Dessa forma, coloca-se o discurso de *restauração* para as modificações feitas na praça, como um ato de amor à cidade. A construção mais imponente do entorno é o Colégio Dom Bosco. Além do colégio, o Centro comercial com a presença de lojas e comércio informal é a paisagem que se tem. Como elementos que possam indicar padronização com o projeto de revitalização maior, têm-se os bancos e postes e talvez a substituição da escultura, que ganhou maior visibilidade. Esta praça pode ser caracterizada como um local de passagem, pois há paradas de ônibus bem à frente e as ruas marcam a saída e entrada para o centro de compras. Seu aspecto é de espaço sujo pelo acúmulo de lixo dentro da praça e no entorno.

3.1.3

Praça da Matriz

A Praça da Matriz, possui jardins distribuídos à frente, à esquerda e à direita da Catedral Matriz de Nossa Senhora da Conceição, limitada pela Avenida Sete de Setembro, Avenida Eduardo Ribeiro e o Terminal de Ônibus da Matriz. Todo o entorno da praça é fortemente marcado pelo comércio informal, com barracas vermelhas de produtos os mais diversos, além de lanchonetes. No final de 2002, passou por intervenções e recebeu gradeamento em toda a sua área circundante, separando-a da área do terminal e do comércio (NASCIMENTO, 2003, p. 84). Antes dessa intervenção, havia vendedores também dentro da praça. Nos jardins ainda podem ser encontrados bustos de presidentes como Floriano Peixoto e Costa e Silva, além da fonte monumental em ferro fundido proveniente da Escócia, que foi colocada ali em 1896, durante a administração de Eduardo Ribeiro (NASCIMENTO, 2013, p. 123). No final dos anos 1990, crianças e adolescentes que viviam pelas ruas do Centro, usavam a fonte para tomar banho e lavar roupas. Nesse período também a praça era marcada como área de prostituição durante o dia e a noite. Ainda permanece com esse uso, apenas um pouco mais moderado. Mesmo sendo a área da Igreja da Matriz da cidade, tombada como patrimônio do Estado, é uma das mais degradadas do Centro Histórico.

A Praça da Matriz está no centro da área comercial, principalmente do comércio informal. É especialmente para este público, que se direcionam todos os serviços do entorno. Há agências bancárias, hotéis, terminal de ônibus e táxis. A área funciona como extensão da zona portuária. Os problemas apenas se agravam, sem que as instituições responsáveis tomem alguma providência. Como por exemplo, na interdição do terminal de ônibus que voltou a funcionar depois de um mês. É a área que concentra um grande número de prédios abandonados em seu entorno. Caracteriza-se, portanto, como área comercial e de passagem.

3.1.4

Praça Adalberto Vale

Entre as ruas Theodoro Souto, Guilherme Moreira, Márcio Dias e Av. Floriano Peixoto, está localizada a Praça Adalberto Vale. Esta praça quadrangular, já foi chamada de Praça Tamandaré e Praça Tenreiro Aranha, no período em que ali permaneceu o monumento ao fundador da Província do Amazonas (João Batista de Figueiredo Tenreiro Aranha), que hoje se encontra na Praça 5 de Setembro. Constituiu-se no espaço onde funciona a feira de artesanato regional, onde pode ser encontrada uma série de objetos decorativos e de uso que remetem às origens indígenas da cidade. Toda a praça é preenchida por barracas em estrutura cobertas de palha. Entre as barracas pode ser visto o busto de Adalberto Vale, que dá nome à praça. Adalberto Vale foi um empresário que nasceu em 1909 em Belém-PA; ocupou cargos públicos em Manaus e inaugurou o Hotel Amazonas em 1951¹, um dos edifícios que marcaram a chegada dessa nova arquitetura na cidade. O Hotel Amazonas fica na esquina da Márcio Dias com Av. Floriano Peixoto, portanto em uma das esquinas da Praça Adalberto Vale. Além das barracas pode ser encontrada uma lanchonete na praça. Foi o espaço que protagonizou a disputa entre a Prefeitura, os artesãos e o Iphan, onde a Prefeitura pretendia construir um camelódromo. Os artesãos se recusavam a aceitar a ideia de irem para o Terminal de Integração da Matriz e o Iphan vetava a construção do mesmo, uma vez que a praça está em área tombada. Metaforicamente, a praça trabalha de dia e dorme à noite, posto que seu uso se restringe ao dia, pela permanência do comércio, dentro e no entorno. À noite, as lojas fecham e a vida da praça também se recolhe. Nesta praça encontra-se uma pequena construção em ferro, datada do período da borracha e chamada de Pavilhão Universal, que consta na lista dos bens contemplados pela verba do PAC Cidades Históricas.

3.1.5

Praça dos Remédios

Praça Torquato Tapajós, é o nome oficial da praça mais conhecida como Praça dos Remédios, por localizar-se à frente da Igreja dos Remédios, uma das

¹ Fonte: Blog do Coronel Roberto.

<http://catadordepapeis.blogspot.com.br/search/label/Adalberto%20Valle>. Acesso 20.03.2013. Roberto Mendonça, que assina este blog é coronel aposentado e pesquisa sobre a história de personalidades do Amazonas, entre outros temas relacionados à história do Amazonas, que publica diariamente.

mais antigas de Manaus. Situada entre as ruas Cel. Sérgio Pessoa, Miranda Leão, Leovegildo Coelho e Rua dos Barés. Essa é uma área também de intenso comércio por localizar-se nas imediações do Mercado Público Municipal Adolpho Lisboa. O nome da praça homenageia Torquato Xavier Monteiro Tapajós que nasceu em 1853 em Manaus e foi poeta e engenheiro geógrafo (TELLES, KRÜGER, 2006, p. 43). Quanto ao traçado, a praça é extensa em comprimento e pouco larga, na parte central possui algumas árvores, bancos e a escultura do Cristo de braços abertos sob um alto pedestal. Em relação ao uso, a praça é frequentada por pessoas que trabalham nas proximidades, e por outros que utilizam a praça como local de trabalho, como os lavadores de carro. A arquitetura ao redor é marcada por casas de arquitetura antiga que foram adaptadas para o comércio, especialmente o comércio de atacado, o mais praticado no entorno. Também é um espaço de alto fluxo de pessoas durante o dia, mas que à noite se recolhe.

Em agosto de 2013 esta praça foi fechada para iniciar a revitalização gerenciada pela Prefeitura como parte dos projetos de revitalização do entorno do Mercado Público Adolpho Lisboa, que foi reaberto no aniversário da cidade, em 24 de outubro de 2013².

Estes espaços, localizados no Centro Histórico, ainda carecem da efetivação de ações que possam remediar a degradação que vêm sofrendo. São espaços públicos onde não se percebe no entorno e no próprio espaço, uma preocupação com a imagem e as possibilidades de uso do espaço. Como se o poder público atuasse para a continuidade desta situação. Na maioria das intervenções, o que se percebe é apenas uma pintura nos monumentos. Sem a preocupação com o entorno, tornam-se espaços marginais e marginalizados. Um dos principais fatores que contribui para isso é a falta de iluminação, segurança e limpeza. Tornam-se espaços escuros e perigosos para a maioria da população, mesmo durante o dia. O entorno desses espaços é basicamente formado pelo comércio informal e marcado pela presença de pessoas de baixa renda. Ou seja, não estão entre os espaços nobres eleitos pelo Governo, no centro da cidade. São os espaços mais populares. Destas praças, as mais marcadas pelo comércio popular no seu entorno são: Praça Dom Bosco, Praça da Matriz e Praça dos Remédios. A Praça Adalberto Vale,

² Esta reabertura havia sido anunciada pelo então Prefeito Arthur Neto, durante seu discurso de posse no dia 1º de janeiro de 2013 e foi recebido pela população com festa, como um presente.

mesmo com comércio em seus limites, tem uma identidade mais fechada na feira de artesanato, o que direciona seu público para os turistas. A Praça Dom Pedro II continua nos planos de revitalização da Prefeitura, que tem realizado ações pontuais que acabam por ser engolidas pelas necessidades maiores do entorno.

Também é possível destacar que as intervenções feitas nestas praças, no início dos anos 2000, tinham o caráter mais pontual da restauração e manutenção do espaço, com pinturas nas obras e provimento de equipamentos industrializados, como os gradis dos jardins, iluminação, lixeiras e bancos. Essas intervenções fechavam-se nos espaços e na maioria das vezes, não levavam em conta o entorno.

Os espaços compreendidos nesta categoria de espaços não revitalizados foram incluídos desde 1994 em um projeto da Prefeitura chamado de “Projeto de Regeneração do Centro Antigo de Manaus”. A equipe responsável pelo projeto era composta pelos arquitetos Roberto Moita, Márcia Parente e Ana Lúcia Abraham. Tinha foco na “sustentabilidade econômica e social”, da área e ainda “referendado pela inclusão de Manaus, em 13 de janeiro de 2004, no Programa Monumenta/BID, do Ministério da Cultura, que tem como foco o resgate e a conservação permanente dos principais conjuntos histórico-arquitetônicos urbanos do país” (COSTA, 2013, p. 248).

3.2

Manaus dos espaços revitalizados

Entre os espaços públicos do Centro Histórico, a Secretaria de Cultura do Estado e a Prefeitura, estão construindo um perímetro de revitalização que se destaca de todos os outros espaços, do qual fazem parte: Praça Heliodoro Balbi, Praça 5 de Setembro, Praça São Sebastião, Praça Antônio Bittencourt e Parque Senador Jefferson Péres.

3.2.1

Praça da Saudade

A Praça 5 de Setembro (Figura 7), foi revitalizada e reinaugurada em 2010, tem como nome popular Praça da Saudade, pois deriva do Largo da Saudade, o espaço que se atravessava até um antigo cemitério. O nome 5 de Setembro foi

devido à colocação do Monumento que homenageia a Província do Amazonas e o seu fundador, Tenreiro Aranha. A elevação do Amazonas à categoria de Província aconteceu em 5 de setembro de 1850 (NASCIMENTO, 2013, p. 142). Constitui uma das principais praças do perímetro de revitalização do Centro Histórico. Até os anos 1960, a praça tinha um traçado circular com vários canteiros e o monumento ao centro. Depois deste período passou por mudanças no traçado que a deixaram com espaços demarcados como parte alta e parte baixa: a parte alta era formada por árvores, lago artificial com fonte e duas esculturas em bronze, além de vários bancos em cimento; a parte baixa mantinha um pequeno parque de diversões para crianças, o monumento à Tenreiro Aranha, um palco circular de cimento e um prédio da Suhab, de frente para a Avenida Epaminondas (e para o prédio do Atlético Rio Negro). Em 2000, houve uma intervenção na praça no sentido de recuperação do espaço degradado. Nesse período a fonte artificial foi dotada de peixes e alguns quelônios, e as esculturas (Homem pré-histórico e homem moderno) pintadas (NASCIMENTO, 2003, p. 84). Antes da revitalização pela Prefeitura em 2010, reuniam-se na praça grupos de surdos-mudos, membros da igreja protestante que usavam o espaço para seus encontros e shows. Não aconteciam muitos eventos porque as pessoas temiam a presença das crianças e adolescentes que andavam em bandos e moravam na praça, principalmente no final dos anos 1990.



Figura 7: Praça da Saudade.
Foto: A autora.

Na primeira metade dos anos 2000, acontecia uma feira indígena mensalmente, na Praça da Saudade, que reunia artistas, artesãos, com produtos, música e culinária indígena. Aos finais de semana era comum encontrar crianças brincando no parquinho, vendedores de pipoca, balões e uma série de outros produtos destinados aos pequenos. Grupos de estudantes também elegiam a praça para seus encontros. Os canteiros circulares se ofereciam como bancos e reuniam pessoas. Da mesma forma o entorno do lago artificial. Esteticamente a praça não apresentava uma uniformidade, eram três espaços que coabitavam, com suas fronteiras e intercessões: o jardim, a calçada e o prédio. Do ponto de vista da ocupação, as pessoas desviavam do prédio, brincavam na calçada e sentavam no jardim. Era um espaço vivo e dinâmico.

Com a execução do projeto de revitalização pela Prefeitura e a mudança do traçado, tudo o mais mudou. O espaço abriu-se para os olhos, ganhou unidade, novos canteiros, nova estrutura. Tornou-se apreciável para os olhos, para fotografar, mas perdeu a festa, o espaço do encontro. Os bancos de madeira com estrutura em ferro, longe um do outro, abrigam duas pessoas em cada (o que atrai casais de namorados à noite). No lugar das barracas desmontáveis, que vendiam comida e tacacá, pequenos quiosques verdes metálicos: dois para lanche, dois para banca de revista, dois para telefone público. A definição do traçado dos canteiros definiu o circuito de caminhar, alongando o caminho de quem estava acostumado a passar direto por alguns pontos. No entanto, é possível perceber que novos caminhos se desenham na grama pisada. Na maior parte do dia não há sombra, o que torna a praça um lugar de passagem.

Sobre o novo traçado da Praça da Saudade, Costa (2013, p. 156) explica que:

A determinação da Prefeitura é retomar a praça e sua forma original, trabalho que inclui as residências no entorno como aconteceu com o Largo de São Sebastião para que a população tenha orgulho desse importante logradouro público.

A “forma original” em questão é o traçado do período da borracha, um discurso comum aos outros espaços. O projeto de revitalização foi feito por técnicos do Instituto Municipal do Planejamento Urbano – Implurb e da SEC. Fala-se em “resgate da história da praça” e da formalização do seu uso seguindo

os princípios da Praça São Sebastião, transformando-a também em um espaço cultural, além da sua função de lazer (COSTA, 2013, p. 157).

A SEC e o Implurb trabalharam juntos na revitalização da praça e do seu entorno, que fez parte do programa Belle Époque. O “traçado original” que se busca retomar data de 1932 e tinha apenas o monumento a Tenreiro Aranha no centro, “e a partir dele surgiam os passeios em forma radial com oito braços de acesso e duas circunferências ao seu redor que, por sua vez, possibilitavam o tráfego ao redor da praça” (COSTA, 2013, p. 157).

Segundo Costa (2013), havia a ideia de transformar o comércio ambulante, que havia na praça, em centro gastronômico, a exemplo do Largo. No entanto, o que se observa é que o plano não funcionou(pelo menos não ainda). Dois restaurantes que foram abertos encontram-se isolados e não integram o conjunto da praça. Além disso, eles não funcionam à noite.

A Praça da Saudade é caracterizada por um misto de uso no seu entorno: comercial, residencial, prédios históricos, bares (para público C e D), e as lanchonetes da praça. A lanchonete da Rua Simon Bolivar, que fica em frente à parada de ônibus, atende basicamente a este público e a estudantes que passam pela praça. Na Rua Ramos Ferreira, a lanchonete também atende passantes e estudantes. À noite, na esquina da Ramos Ferreira com a Ferreira Pena, do outro lado da praça, em frente ao prédio do Grupo Sucesso (que oferece cursos profissionalizantes), um carrinho que vende “churrasquinho” é um ponto de reunião e agrega muitas pessoas.

Até agosto de 2013 a Praça da Saudade encontrava-se sem manutenção, o que poderia ser comprovado nas pinturas dos quiosques que se rendiam ao sol; e também se apresentava com inúmeras pichações em todo o seu mobiliário, nas colunas laterais e no monumento. Este monumento ao centro oferece suas escadarias a estudantes e está sempre cheio desses frequentadores, que durante o dia procuram alguma sombra e, à noite, reúnem-se quase ocultos pela pouca iluminação.

3.2.2

Praça da Polícia

A Praça da Polícia (Figura 8) tem como nome oficial Praça Heliodoro Balbi e foi entregue em 2008, revitalizada pela Secretaria de Cultura do Estado. Está localizada em uma área de intensa confluência comercial: na Avenida Sete de Setembro com a José Paranaguá, estando ligada ainda às ruas Dr. Moreira e Marcílio Dias, local onde se encontram muitas lojas de produtos importados. O nome Praça da Polícia é devido ao prédio do Quartel da Polícia que fica no entorno e que foi transformado em espaço cultural, retomando o nome que possuía à época de sua construção, de Palacete Provincial. Na frente do prédio, ainda podem ser vistas as esculturas em ferro do *zuavo* e do soldado francês, que foram encomendadas da França. Antes da revitalização, as peças eram de cor cinza, depois, foram coloridas. Esta praça foi estruturada com a disposição de jardins, pontes e esculturas mitológicas, na administração de Adolpho Lisboa, em 1906. Um grupo de esculturas em ferro (Diana Caçadora, Ninfa, Hermes, Cão e Javali em Luta), parece compor um tema mitológico centralizado na Diana Caçadora e foram trazidos de Paris. É o espaço do Centro Histórico que concentra o maior número de objetos decorativos, um total de dez peças (NASCIMENTO, 2013, p. 212). Também é nesta praça que se encontra a árvore (um mulateiro) que servia de ponto de encontro para o Clube da Madrugada, nos anos 1960.

De acordo com o Portal do Governo do Estado, a Praça constitui-se, na verdade, de três praças: Praça Heliodoro Balbi, Praça Roosevelt e Praça Gonçalves Dias. Recebeu o nome de Praça Heliodoro Balbi em 1º de dezembro de 1953, homenageando o político e jornalista, que também havia sido professor de Literatura do Ginnásio Amazonense Pedro II (prédio que fica no entorno), e atuado como membro do grupo que fundou a Academia Amazonense de Letras, em 1913³. No entorno da praça, além da área comercial encontra-se na Avenida Sete de Setembro, o centenário prédio do Gynnasio Amazonense Pedro II. Esta é a praça que menos passou por modificações em seu traçado.

³ Fonte: Portal Oficial do Governo do Estado do Amazonas.

http://www.culturamazonas.am.gov.br/programas_02.php?cod=5859748. Acesso em 03.08.2013.



Figura 8: Praça da Polícia.

Foto: A autora.

A Praça da Polícia constitui-se hoje, em um dos espaços (se não o principal) mais agradáveis, tendo seu uso prolongado também à noite, pois dispõe de vigilância. O verde das árvores e plantas, a sombra que produz, o barulho das águas das fontes, o canto dos pássaros, deixam a praça com um aspecto de bosque, o que a torna muito agradável. É possível até esquecer o barulho dos carros que passam buzinando na Avenida Sete de Setembro, um de seus limites. A ponte de cimento armado imitando troncos de árvores está entre os lugares preferidos para as fotos na praça. Ao todo, existem sete quiosques: Café do Pina, Tacacá da Dona Zita, Sebo - O Alienista, Sebo – Casa das Palavras, Sebo – Raros e Novos, Sorveteria Carioca e Cabine Telefônica, além de um quiosque para a equipe e o som da praça. A presença dos sebos deu um novo uso cultural à praça, agregando pessoas de vários níveis sociais e que são atraídos pelos livros e pelas pessoas que frequentam os espaços.

É comum passar pela praça e encontrar algum grupo fazendo um vídeo ou gravando algumas entrevistas para a TV. Também tem programação de shows mantidos pela Secretaria de Cultura e Sesc, tendo o coreto escocês como palco. É ainda um espaço político, com a realização do Projeto Jaraqui, de debates sobre temas políticos, aos sábados pela manhã. O coreto escocês está para as apresentações artísticas. Na outra ponta da praça, o coreto em cimento está para as manifestações políticas. Este é um dos poucos espaços do Centro Histórico que

mesmo rodeado pelo comércio forma e informal, caracteriza-se com espaço de permanência.

3.2.3

Parque Jefferson Péres



Figura 9: Parque Jefferson Péres
Foto: A autora.

O Parque Senador Jefferson Pérez (Figura 9), foi aberto em 2009, após revitalização da área dos igarapés, em homenagem ao político amazonense que faleceu em 2008. É um espaço que foi construído e que acomoda objetos que identificam uma visualidade relacionada à *belle époque*, como uma fonte decorativa, datada do início do século XX, estruturas em ferro com desenhos imitando os gradis art nouveau que podem ser encontrados em outros espaços da cidade, como no Teatro Amazonas, elementos representativos do bonde e de toda a estética dessa época. O espaço é todo ajardinado, mas sem a sombra das árvores que impede o caminhar e o permanecer no local durante a maior parte do dia. É um espaço interessante para pensar esse conceito de revitalização, partindo das questões: Revitalização para quem? Com que propósito? Porque é um espaço bonito visualmente, para permanecer nas fotos, nos postais, nas recordações de quem passa rapidamente pela cidade. Mas, não é um espaço para que o cidadão manauara possa usufruir. Não é um espaço para ficar, porque não oferece condições para isso. A principal delas sendo a sombra, pois todo o espaço fica a maior parte do tempo sob o sol forte, impossibilitando a realização de qualquer atividade. Diante disso, também não há programação estabelecida para a

popularização do uso do espaço e ele permanece quase que intocado. É conservado, mantido para o olhar, mas não para o uso de permanência. O uso é unicamente estético e visual. Analisando a partir deste exemplo, é possível identificar nos espaços revitalizados esta tendência para uma revitalização para o olhar, como que construindo uma imagem de cidade-cartão-postal. Aquela cidade visualmente congelada em uma fotografia, mas uma cidade que não se permite viver nela, porque ninguém vive em um postal.

3.2.4

Praça do Congresso



Figura 10: Praça do Congresso
Foto: A autora.

Mais conhecida como Praça do Congresso (Figura 10), recebeu esse nome devido ao Congresso Eucarístico que aconteceu em Manaus em 1942 e que teve seu ponto de encontro nesta praça, com a inauguração do Monumento à Nossa Senhora da Conceição. Antes desse nome, era chamada popularmente de Praça da Saúde, porque no seu entorno estava localizado o edifício em que funcionava a Repartição de Saúde Pública. Como nome oficial, a Praça foi batizada de Praça Antônio Bittencourt, homenageando um político importante no início do século XX. Além destes nomes, pelo uso, a Praça também era chamada de Praça do IEA, por estar localizada à frente do Instituto de Educação do Amazonas. Já foi chamada de Praça dos Híppies, porque o espaço reunia grupos de híppies que aproveitavam a sombra das árvores para produzir e vender seu artesanato. Também era conhecida como Praça dos Skatistas, porque nos finais de tarde havia

sempre um grupo praticando skate, aproveitando os canteiros e o calçamento da praça. Destes nomes todos, o mais forte continua sendo Praça do Congresso. Mesmo que após a reabertura em 2 de dezembro de 2012, a Praça tenha recebido identificação de Praça Antônio Bittencourt, retomando o nome e o traçado do início do século XX.

Até 2011, quem passava pela Praça do Congresso, no alto da Avenida Eduardo Ribeiro, uma das principais vias do Centro de Manaus, observava o espaço com vários canteiros em formato circular; uma vegetação que ocupava todos os canteiros; o busto do Eduardo Ribeiro, sem placa de identificação, de autoria do escultor Geraldo Florêncio de Carvalho; o Monumento à Nossa Senhora da Conceição, cuja base servia para afixar cartazes os mais diversos; e um público composto basicamente de estudantes do Instituto de Educação do Amazonas – IEA; skatistas que usavam os canteiros como rampas; grupos de hippies e de rockeiros; além da barraca de comidas típicas. A praça foi fechada para revitalização em dezembro de 2011, quando foi anunciada a primeira fase do Programa Cartão-Postal, uma iniciativa que pretendia revitalizar um trecho do Centro Histórico, do alto da Avenida Eduardo Ribeiro até a orla portuária e algumas ruas adjacentes.

A partir deste ponto, a descrição da praça segue mais detalhada, devido ao evento de inauguração que foi acompanhado pela pesquisadora e que traz elementos importantes para a análise neste trabalho.

O evento de inauguração. No dia 28 de novembro de 2011, começou a divulgação da reinauguração da Praça do Congresso, para o sábado, dia 2 de dezembro, às 18 horas, com a presença do Governador do Estado Omar Aziz e do Secretário de Cultura Robério Braga. No convite indicava-se também a inauguração da Árvore de Natal de 28 metros de altura e a Chegada do Papai Noel, evento que marca o início das comemorações natalinas e que nos anos anteriores acontecia em outra zona da cidade. A Árvore de Natal era montada no Largo de São Sebastião, primeiro espaço a ser revitalizado dentro da estética da *Belle Époque*, em 2004, e onde está localizado o Teatro Amazonas. O Presépio francês, de propriedade da Igreja de São Sebastião, com esculturas quase em tamanho natural, também ficava na Praça São Sebastião e foi montado na Praça do Congresso, para este evento de inauguração.

Durante toda a semana que antecedeu e a semana seguinte, o evento foi amplamente divulgado na mídia, com os registros das modificações feitas no espaço e das descobertas históricas. No grande dia, a Rua Ramos Ferreira, a principal via de acesso à praça, foi fechada para a montagem do palco em frente ao Instituto de Educação do Amazonas - IEA. Um grande grupo de funcionários da Secretaria de Cultura do Estado - SEC estava espalhado pelo local, vestindo camisas de cor laranja, para se destacar da multidão. Alguns objetos estavam recebendo seus últimos retoques, como o busto de Eduardo Ribeiro (substituindo o anterior) e o Monumento a Nossa Senhora da Conceição. O público começou a chegar a partir das 15h e a praça só foi realmente aberta por volta das 17h30, quando a banda começou a tocar. Antes disso havia um cordão de isolamento limitando o acesso ao interior da praça. Só era possível circular pelas laterais.

O Governador Omar Aziz chegou, deu entrevista e inaugurou a praça. O ato de inauguração foi a retirada do pano que encobria a placa com o nome do Governador Omar Aziz. Além do Governador estava presente sua esposa e filhos. Um deles puxou a faixa, tendo do outro lado o vice-governador José Melo. Houve uma queima de fogos, acompanhada pelos flashes de quem estava presente. A Árvore de Natal de 28 metros foi inaugurada com jogo de luzes e a chegada do Papai Noel, que apareceu no alto da árvore, depois desceu por dentro dela, até chegar para cumprimentar o público. Antes disso, aumentando o suspense para saber de onde sairia o Papai Noel, um grupo de balé aéreo, fez rapel em um dos prédios da Avenida Eduardo Ribeiro, sendo acompanhado por um jogo de luzes e os olhares curiosos da multidão.

Pouco antes da inauguração oficial da praça, e marcando a chegada do Governador, houve manifestação pela reabertura da Biblioteca Pública do Estado, mergulhada em uma reforma há cinco anos. O Governador falou com os manifestantes e agendou pauta, antes de seguir a cerimônia de inauguração da praça.

O material de divulgação. Durante o evento de inauguração foi distribuído um folder contendo informações históricas sobre a praça, sobre o ex-governador Eduardo Ribeiro e sobre o patrono da Praça Antônio Bittencourt. Ilustrado com postais da praça dos anos 1960 e imagens de Antônio Bittencourt e Eduardo Ribeiro, além de uma foto do Governador Omar Aziz. Este material de divulgação pode ser entendido como material educativo de construção ou reconstrução de

uma memória coletiva, uma vez que objetiva, a partir dos textos e imagens, rememorar a estética da cidade no período da *Belle Époque* e marcar, pelos retratos, a memória visual dos seus gestores.

Na face 1 do folder (Figura 16), ganha destaque um postal que apresenta uma visão do calçadão da praça em direção ao antigo Edifício da Saúde e o palacete (demolido quando das intervenções a partir dos anos 1960), os dois prédios eram construções do período da borracha. Outro postal com a visão panorâmica da praça, com seus bancos de cimento, a luminária, e o edifício do Instituto de Educação do Amazonas ao fundo. O traçado da praça é apresentado em formato quadrangular, composto internamente por quatro quadrantes, com calçamento em cimento, grama e luminárias. Os quadrantes são cortados por caminhos com calçamento em pedra. Junto aos postais da praça aparece uma foto de Antônio Bittencourt e a imagem de um relógio de bolso. A identificação desta primeira face vem com o nome “Praça Antônio Bittencourt – Manaus – Amazonas – Brasil”, com as letras rodeadas por arabescos que lembram as formas do *art nouveau*, um dos estilos artísticos que compunha o ecletismo da *Belle Époque*.

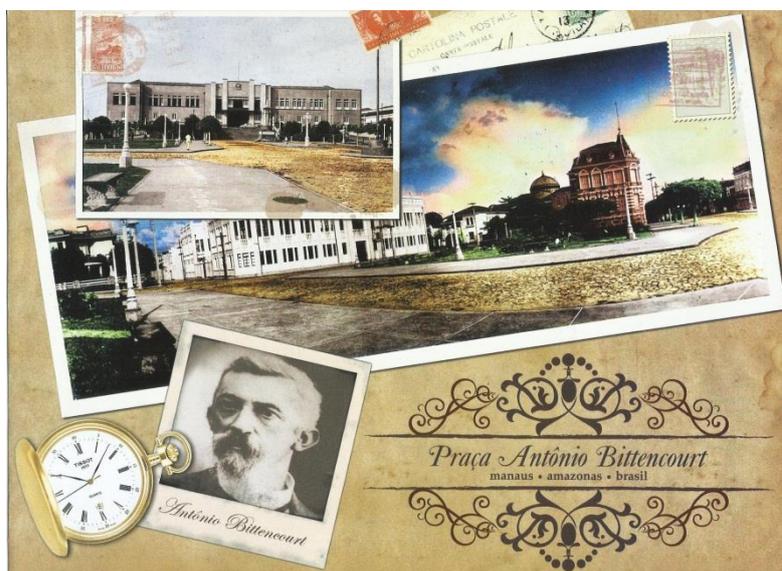


Figura 11: Folder de inauguração da Praça Antônio Bittencourt – face 1.
Fonte: Secretaria de Cultura.

Na face 2 do folder (Figura 11), uma coluna com as informações históricas sobre o patrono da praça, sua vida política e sua contribuição como um dos fundadores do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, em 1917. Outras informações sobre a história do lugar e os nomes que já teve, bem como informações sobre o busto e o monumento. Ao centro, mais imagens de postais

antigos de vários ângulos da praça e repetindo os postais anteriores, imagens de selo, relógio de bolso e a mesma foto do Antônio Bittencourt, em tamanho menor.



Figura 12: Folder de inauguração da Praça Antônio Bittencourt – face 2.
 Fonte: Secretaria de Cultura.

Na segunda folha interna do folder (Figura 12), mais imagens de postais da praça, do evento do Congresso Eucarístico, de um grupo de personalidades da época e uma foto em formato de selo do ex-governador Eduardo Ribeiro. Os textos falam do entorno com os informes dos prédios que existiam e do que existe atualmente; sobre os festejos populares que já aconteceram na praça; e uma síntese biográfica de Eduardo Ribeiro.

A cor de fundo de todo o folder é um marrom, que ajuda a ressaltar o ar de envelhecido dos postais, alguns destes postais em cores, outros em preto e branco. A tranquilidade, a limpeza, a composição dos postais antigos, passa uma ideia de beleza que a cidade não tem mais. E, ao trazer para o espaço o traçado presente e visível nos postais antigos, é como se fosse possível trazer também de volta aquela aura de cidade tranquila, bonita, nobre, que ocupa o imaginário sobre esta época. A ideia dos muitos postais e selos, e das fotos recortadas como selos nos remete ao momento da recordação de um passado afetivo presente. Os textos atestam essa intenção de trazer de volta um espaço de convivência que se tinha perdido. Mas, um espaço visto nos postais como espaço de contemplação, uma vez que estão sempre limpos e sem a presença de pessoas. Apresenta, pois, uma cidade idealizada e divulgada pela imagem dos postais e essa imagem ganha força

hoje devido a atual situação do Centro Histórico de Manaus, um espaço que ainda não encontrou soluções para a convivência entre a arquitetura antiga e as necessidades do bairro que cresceu e das atividades de comércio. A imagem de hoje beira ao caos urbano em oposição à quietude que emana dos postais.

O discurso dos gestores. Na parte posterior do folder está a foto, em formato de selo, do atual governador Omar Aziz com um texto creditado a ele, falando da importância da reabertura da praça. Para o governador a praça foi “totalmente restaurada” e a população teve de volta “um de seus mais queridos espaços de convivência”. Enfatiza que não foi uma “simples reforma”, mas que houve o cuidado para se “resgatar a beleza” da praça, lembrando que seu nome “homenageia uma grande figura pública e defensora atuante da memória de nosso estado”. No discurso o direcionamento do uso da praça e sua intenção de “resgate à memória”:

É nosso desejo que a população de Manaus volte a fazer desta praça um lugar de encontros, de congregação das famílias e de eventos populares, como sempre foi seu propósito. Em nosso Governo, que tem como maior propósito criar oportunidades, valorizando as pessoas, o resgate à memória tem lugar de destaque.

Nessa mesma linha de pensamento, do “resgate à memória” há um texto creditado ao Secretário de Estado da Cultura, Robério Braga:

Nas nossas lembranças, a Praça Antônio Bittencourt nunca mudou. Ainda é a praça dos passeios dos namorados, dos encontros dos estudantes, das brincadeiras das crianças e das conversas no fim da tarde, diante do monumento à Nossa Senhora da Conceição e do busto em homenagem a Eduardo Ribeiro, enquanto o sol se deitava atrás das fachadas dessa Manaus que sempre nos encantou. Natural, portanto, que nos traga imensa satisfação, à frente da Secretaria de Cultura, abrir novamente à população este espaço tão marcante e tão presente na memória de nossos dias. A Praça Antônio Bittencourt, restaurada, volta a ser este cenário de muitas histórias. Um lugar de todos, oferecendo em meio à paisagem urbana um convite à contemplação.

A memória evocada aqui, principalmente nas palavras creditadas a Robério Braga, é uma memória vivida, afetiva e saudosa. Uma memória que se busca retomar e reviver através da alteração física do espaço. Essa “Manaus que sempre nos encantou” é a **Manaus de antigamente** dita no capítulo anterior pelo poeta Thiago de Mello. Nesse sentido, o discurso reforça a ideia de que se revitaliza o espaço para revitalizar a memória afetiva desse espaço. O espaço físico, aquele

construído no período da borracha, e a memória afetiva desse espaço vivido durante a crise deste mesmo período.

Usos e funções da praça. A Praça do Congresso tem em seu entorno alguns prédios históricos com funções educacionais e/ou culturais (o Instituto de Educação do Amazonas – IEA, Instituto Benjamin Constant, Biblioteca Municipal João Bosco Pantoja Evangelista, Ideal Clube). Um hotel na esquina da praça (construído nos últimos 5 anos), alguns restaurantes nas proximidades, área comercial e residencial. Mas, é ainda um lugar que está construindo sua autonomia enquanto espaço público oferecido à população, o espaço ainda não concentra pessoas. Há apenas um quiosque de comidas típicas na praça. Os bares no entorno são no estilo ‘alternativo’, em um trecho de hotéis baratos na Avenida Eduardo Ribeiro, quase na esquina da praça, em um quarteirão antes do Teatro Amazonas, onde podem ser vistos alguns prédios abandonados. Esse trecho faz parte do Programa Cartão-Postal, mas ainda aguarda a revitalização. As pessoas que frequentam esses bares podem ser reconhecidas como as que frequentavam a praça antes da revitalização. Nesse sentido a revitalização funcionou como ‘limpeza’, pois deslocou estes grupos que frequentavam o espaço.

Essa ideia de que a Praça do Congresso tinha perdido seu espaço de convivência é discutível. A Praça tinha uma vida marcada pelo seu uso por diversos grupos que se reuniam ali, principalmente estudantes que ajudavam a compor a identidade da praça. Os principais horários de grande fluxo eram os fins de tarde e início da noite.

Quando da reabertura da praça, ela foi incluída como espaço ambientado com decoração de Natal. A iluminação de Natal da Praça incluiu o prédio do Instituto de Educação do Amazonas - IEA. A colocação da árvore de 28 metros e do presépio francês completaram as ações para chamar a atenção do público para o espaço. As pessoas gostam dos espaços públicos, desde que eles tenham principalmente segurança e iluminação. E durante todo o mês de dezembro e início de janeiro, a praça esteve bem frequentada por quem queria fazer fotos com a árvore e com o presépio. Como atrações culturais, foram providenciadas apresentações de palhaços e brincadeiras para as crianças, marcando o uso do espaço direcionado à família.

Após o período festivo, a praça continuou passando por um período de reafirmação da sua identidade de uso pelo público frequentador. Aos finais de

tarde, é possível passar por ela e ouvir música popular amazonense, como som da praça. As pessoas apenas passam por ela. Há alguns poucos bancos que são mais disputados porque estão localizados embaixo das árvores, pois o traçado que se manteve priorizou a vegetação baixa. Nos finais de semana, a partir das 17h é possível assistir apresentações de palhaços com brincadeiras para crianças. No entanto, a maior parte das pessoas que passa pela Praça do Congresso segue para o Largo de São Sebastião.

Françoise Choay (2001) fala sobre a espetacularização do patrimônio, ou melhor, ela tece críticas sobre a espetacularização ao redor dos monumentos, que não chamam atenção para o monumento em si, ao contrário, tira deles as possibilidades de contato com as pessoas: os espetáculos de luzes, por exemplo, que são feitos para as pessoas e não para os monumentos. A atenção do espectador fica nas produções preparadas em torno do monumento, da recepção, do souvenir, nas luzes e pouco nos monumentos. Feito produto, o monumento passa a ser valorizado pelo espetáculo que é produzido ao redor dele e não por ele mesmo.

Tal reflexão proposta por Choay remete ao evento de reabertura da Praça do Congresso, que foi palco de espetáculos que aconteciam em outros trechos da cidade, mas que foram centralizados nela. E depois, quando a árvore de Natal foi removida, ficou o espaço desnudo da praça, que pareceu ter encolhido na sua simplicidade. Ficou explícito o acabamento pouco cuidadoso do calçamento. Não havia mais espetáculo, só o espaço modificado e aberto ao uso e novas (re) significações.

Equipamentos industrializados. Antes da reforma, a praça dispunha de poucos elementos que pudessem ser caracterizados como equipamentos industrializados. Esse termo é usado por Mesquita (2009:212), ao se referir às “fontes ornamentais, coretos, bancos, bebedouros, estufas, pontes e esculturas em bronze, ferro fundido e mármore”, como uma preocupação que fazia parte do projeto de embelezamento dos espaços públicos da cidade no final do século XIX e início do século XX. Nesse sentido, os elementos que existiam na Praça do Congresso antes da revitalização eram: a iluminação; a barraca de comida tinha uma estrutura comum a outras barracas de comida, com barras montáveis e lona branca; os bancos eram as bordas dos canteiros e a escadaria do monumento.

Com a revitalização, algumas árvores foram preservadas e a população ganhou alguns poucos bancos de cimento sob suas sombras. Postes de iluminação foram colocados em alguns pontos. Também se observa a padronização em verde, dos cestos de lixo e quiosques, a colocação de placas e a iluminação do busto (que foi substituído) e do monumento (que foi restaurado).

Essas mudanças estruturais com a colocação destes objetos conferem ao lugar uma função educativa quanto ao seu uso, além de uma função rememorativa quanto à estética. A iluminação e os bancos foram feitos seguindo os padrões que se tinha na época e conforme são visualizados nos postais. Os quiosques, em verde, lembram os chalés de ferro antigos. E na praça, foram colocados três destes quiosques: um para a barraca de comidas típicas; outro para a banca de revistas; e outro para o sebo. As lixeiras e os cercados de pequenas árvores plantadas no entorno também seguem o padrão do material e da cor. Outro elemento que compõe o verde dos quiosques é o carrinho de pipoca. Os quiosques e carrinho de pipoca apresentam elementos que remetem à *Belle Époque* e também é o padrão seguido nos quatro espaços públicos revitalizados e no Parque construído no Centro Histórico, no período de 2004 a 2012.

Com caráter educativo é possível encontrar as placas de identificação do busto de Eduardo Ribeiro; placas de abertura da praça contendo o nome do atual governador Omar Aziz; placa com foto e histórico de Antônio Bittencourt; e uma placa maior, com foto e um texto explicativo sobre o ex-governador Eduardo Ribeiro. Também é possível perceber que cada uma das ruas do entorno está devidamente identificada com uma placa que fica na calçada da praça. Outra placa se refere ao achado arqueológico durante o processo de revitalização da praça: uma tubulação a gás do século XIX, como um pedaço da história da “Manaus que foi”, trazida para a “Manaus que é”, mas que não esqueceu da sua história.

Dois objetos artísticos compõem a praça: o busto do ex-governador Eduardo Ribeiro, uma peça em bronze com pedestal em granito, produzido em 2012, em substituição ao antigo busto; o Monumento à Nossa Senhora da Conceição que foi restaurado tendo sido removida a pintura em tom de cobre e devolvido a brancura do mármore da peça, além do cinza que compõe o pedestal. As placas do monumento, onde se encontram as informações sobre o Congresso Eucarístico também receberam atenção e foram restauradas.

A revitalização da praça custou aos cofres públicos R\$ 2,5 milhões, conforme foi noticiado pelos meios de comunicação e seria a primeira etapa do Programa Cartão-Postal, anunciado para começar em 15 de dezembro de 2011, com duração prevista de 180 dias. Um ano depois, a praça foi entregue à população deixando a impressão de que foi feita às pressas.

Era um momento em que se discutia a viabilidade ou não do tombamento do Centro Histórico pelo Iphan, processo ao qual o Estado se opunha. Teria sido uma resposta do Estado ao Iphan? O traçado da praça foi alterado, deixando a memória dos anos 1970, 1980 e 1990 para retomar a imagem que se tinha até os anos 1960 e que era herança da *belle époque*. Na intenção educativa do material de divulgação aliado ao desenho da praça, é possível ler duas memórias fortes que se complementam: a memória da Manaus da *belle époque*, da riqueza e dos espaços públicos e a memória da Manaus dos anos 1960, quando a riqueza entrou em crise para alguns, mas os espaços herdados dessa riqueza passaram a ser usados por outro grupo da população. Esta memória ainda permanece nas lembranças dos mais velhos, que podem ver na praça, o retorno dessa cidade e dessa felicidade. Em outras palavras, o traçado rememorando a *Belle Époque* trata-se da revitalização no aspecto material, mas a memória afetiva revitalizada é do período vivido da **Manaus sorriso** ou **Manaus de antigamente** (1920-1960).

3.2.5

O Largo de São Sebastião

Chega-se ao Largo de São Sebastião (Figura 13), o primeiro espaço revitalizado na gestão do Secretário de Cultura Robério Braga. Inicialmente não se tinha o Largo, mas sim a Praça de São Sebastião, que foi aberta em 1867, ocasião em que também foi inaugurada uma coluna comemorativa à Abertura dos Portos do Amazonas às nações amigas. Em 1900, a coluna foi substituída pelo Monumento à Abertura dos Portos, uma obra artística produzida na Itália e financiada com os recursos do período da borracha (NASCIMENTO, 2013, p. 39). Na frente da praça, está situado o Teatro Amazonas, datado de 1896, com material todo importado da Europa, tombado pelo IPHAN em 1966 e restaurado em 1974. O entorno do Teatro e da praça é composto por construções que em sua maioria datam deste mesmo período da borracha. O conjunto (Teatro, praça,

Monumento, Igreja, casario, enfim o entorno) começou a receber tratamento mais unificado a partir da segunda metade dos anos 1990. Antes desse período, o atual Largo era composto por ruas que serviam de estacionamento durante o dia e ponto de prostituição e uso de drogas à noite, portanto, uma área marginalizada, evitada pela população.



Figura 13: Largo de São Sebastião – vista do conjunto de casas restauradas.
Foto: A autora

Em 1997, alguns projetos começaram a ser executados para a revitalização do Centro Histórico. Em 2003, o Projeto *Belle Époque*, de iniciativa do Governo do Estado, fez a revitalização dos prédios do entorno do Teatro Amazonas, o restauro do Monumento à Abertura dos Portos, e o espaço foi inaugurado em 2004 como Largo de São Sebastião e, com as atividades artísticas programadas, passou a ser chamado de Centro Cultural Largo de São Sebastião. É neste cenário que acontecem os grandes festivais da cidade e muitas das apresentações dos artistas locais, sendo a maior concentração registrada no Concerto de Natal, que reúne todos os corpos artísticos da Secretaria de Cultura.

O Largo de São Sebastião está localizado no centro da área delimitada como Centro Histórico. Partindo de vários pontos de Manaus é possível chegar ao Centro Histórico. Saindo do porto, subindo o burburinho da Avenida Eduardo Ribeiro, há o intenso comércio informal, lanchonetes, som alto, lojas de produtos diversos e a praça onde fica o Relógio Municipal e o Monumento à Cidade de Manaus, que chega a ser imperceptível diante da agitação do espaço e do forte apelo sonoro e visual que se tem. De um lado, as lojas, do outro, os jardins da Igreja da Matriz, gradeados e com a fileira de camelôs cercando o gradil. À

medida que se vai subindo a Avenida Eduardo Ribeiro, é possível perceber a diferença nas fachadas das lojas, nos sons que se destacam, nos produtos das vitrines e do seu público. Na parte baixa da Avenida, mais próximas ao porto, ficam as lojas com produtos mais populares; na parte alta da Avenida, algumas lojas com produtos menos populares e prédios comerciais. Antes de chegar à Praça do Congresso (que fica no alto da Avenida) à direita, o olhar encontra mais espaço, os passos vão se acalmando, os sons alteram a respiração, chega-se ao Largo. O espaço da Rua José Clemente até a Costa Azevedo, proporciona a seu visitante outra experiência de tempo/espaço.

Logo de início, na esquina da Avenida Eduardo Ribeiro com a Rua São Clemente, encontra-se um Centro de Atendimento ao Turista, ao lado uma pizzaria, com suas mesas e cadeiras verdes, a cor da maioria do mobiliário que se vê no Largo. Em alguns dias da semana, é possível encontrar som ao vivo. À frente da pizzaria, uma cabine telefônica com uma estrutura que padroniza os demais “quiosques”: estrutura de base metálica, com alguns ornamentos, revestimento que proporciona transparência e a cobertura de telhas de barro, como o quiosque do sorvete e ao lado a cabine telefônica. Essas estruturas ficam no canteiro central que divide as duas mãos da rua. De um lado, o Teatro Amazonas, do outro, a pizzaria e, ao lado da pizzaria, uma central de artesanato, um prédio de um pavimento com grafismos na fachada e portas de vidro que deixam ver algumas peças produzidas na região.

Mais à frente, encontra-se a banca de revistas que disponibiliza também um acervo de periódicos, atraindo pela quantidade e qualidade de livros sobre a região. Seja literatura ou pesquisas científicas. Ao lado da banca, há um espaço bastante agradável, com bancos e árvores, constantemente ocupado por estudantes, pessoas lendo jornal ou aproveitando a tranquilidade do lugar. Aos sábados há uma roda de samba à tarde. À direita da Rua José Clemente, neste trecho, o casario compõe um belo cenário. A maioria restaurada materializa as marcas do estilo da época dos “barões da borracha”, uma arquitetura comum em vários lugares do Brasil e da Europa, nos fins do século XIX e início do século XX.

Seguindo a José Clemente e chegando à Costa Azevedo, vemos as duas lanchonetes: African House (ou Mundo dos Sucos, como indica a placa) e O Pensador, restaurante e bar. Nesse trecho do Largo, diariamente é possível encontrar turistas, estrangeiros ou nacionais, que estão a passeio pela cidade ou

que vieram a trabalho e estão hospedados nos hotéis que ficam nas ruas próximas. Nos últimos cinco anos, foram abertos mais hotéis nas proximidades do Largo.

À frente das lanchonetes, a Barraca de Tacacá, o ponto que reúne os artistas locais (grupos de músicos, companhias teatrais, estudantes de artes), profissionais ligados à área da promoção de eventos culturais na cidade e professores universitários. É um ponto sempre alegre e caloroso, não só pelo cheiro e sabor do “tacacá da Gisela”, uma delícia quente que o amazonense não resiste mesmo em pleno verão, mas também pelo espaço aconchegante e “certo de encontrar” as pessoas dessa “tribo”.

As apresentações artísticas, em sua maioria, são feitas nesse trecho do Largo compreendido pelas ruas José Clemente e Tapajós, com a vista privilegiada para o imponente Teatro Amazonas que continua sendo palco de grandes apresentações artísticas, como os festivais que acontecem durante o ano, muitos deles com apresentações gratuitas, encerramentos ou aberturas no Largo. Os espetáculos que acontecem neste espaço têm sempre um grande público, que se desloca de várias zonas da cidade, principalmente para assistir o Concerto de Natal, realizado há mais de dez anos no Largo.



Figura 14: Praça São Sebastião com Monumento à Abertura dos Portos.
Foto: A autora.

Na frente do Teatro Amazonas, têm-se a Praça São Sebastião e o Monumento à Abertura dos Portos (Figura 14). A praça, calçada com pedras portuguesas e seu desenho sinuoso em branco e preto dão origem a algumas

interpretações sobre o seu significado (que pode simbolizar o encontro das águas, o encontro de raças na região, que veio antes do calçadão de Copacabana); seus bancos, embaixo das árvores, é o refúgio durante o dia, para quem quer parar ou, nos finais de tarde, para quem quer passar um tempo, encontrar os amigos, ou simplesmente contemplar a paisagem antes de se deslocar para casa ou continuar suas atividades de trabalho ou estudo. O monumento ao centro, erguido no começo de 1900, com mármore italiano, bronze produzido também na Itália, é presença certa nas recordações fotográficas de quem passa pela praça, venha de onde vier. As árvores que circundam a praça são o convite para sentar nos bancos pelas sombras que produzem e ouvir, em momentos de distração e silêncio, bem-te-vis e outros pássaros cantando alto.

Atravessando a praça, na Rua Costa Azevedo com a Rua 10 de Julho, além do conjunto de casario restaurado, há também o espaço do sorvete para refrescar as tardes quentes de quase todos os dias do ano em Manaus. E a Galeria do Largo, com exposições de trabalhos de artistas locais, uma pequena mostra do tanto de talentos que essa terra produz.

Atravessando a rua, chega-se ao Bar do Armando, um espaço chamado por alguns de “alternativo”, com uma clientela bem característica e cativa, de todas as idades e classes sociais, incluindo turistas. É outra visão do Largo, diferente do *glamour* que se tem “do outro lado da praça”. Atualmente o Bar do Armando funciona quase como uma ‘extensão’ das atividades do Largo, uma vez que o ‘funcionamento’ do Largo encerra às 22h, o Bar do Armando segue até o último cliente sair. Diariamente conta com som ao vivo de cantores locais com violão e percussão.

E ao lado do Bar do Armando, a Igreja de São Sebastião, marcando a convivência entre o sagrado e o profano. A igreja, com as badaladas do sino, anuncia as horas que passam. Aos finais de tarde, as missas deixam a Igreja cheia e, durante o dia, os visitantes também entram para apreciar as pinturas centenárias.

O Largo São Sebastião também concentra uma variedade de usos em seu entorno e áreas próximas: há bares, restaurantes, lanchonetes, sorveteria, galeria, igreja, espaços culturais, hotéis, o Teatro Amazonas, biblioteca, residências, livrarias.

O Largo tem vários espaços, muitas tribos, diferenças e conflitos. É um espaço que contém muitos outros espaços, em diferentes momentos do dia e nos

diferentes dias da semana. Além de concentrar os festivais da cidade, especialmente pelo Teatro Amazonas, é um espaço pulsante, pela presença de vários grupos que se organizam numa perceptível divisão de uso, que se alterna de acordo com os dias e horários. Por exemplo, às 17h, durante a semana, o Largo ainda recebe o sol forte, e o público é constituído em sua maioria de estudantes que saem das escolas e passam pela praça, em direção aos pontos de ônibus (seja em direção à Avenida Getúlio Vargas, seja em direção à Rua da Instalação⁴). A sombra das árvores atrai alguns, mas o mormaço ainda é forte no espaço. Às 18h, a Igreja de São Sebastião toca o sino para o início da missa⁵. A praça, a barraca de tacacá e as lanchonetes já começam a receber seus clientes, ainda compostos de pessoas que estão saindo da escola ou do trabalho e passam rapidamente pela praça. A parada é estratégica, para fugir um pouco do trânsito intenso desse horário. Muitos fazem uma parada saindo do trabalho e indo para a faculdade ou outros cursos nas proximidades. Às 19h, o público diminui um pouco. Às 20h, quem está no Largo geralmente aparece para consumir, encontrar grupos de amigos nos bares ou para os shows. Todas as quartas-feiras, de março a dezembro, acontecem apresentações artísticas que iniciam às 18h30, o Tacacá na Bossa, projeto artístico de iniciativa dos proprietários da Barraca de Tacacá e que conta com o apoio da Secretaria de Cultura do Estado e da iniciativa privada. Nesses dias, o público é mais intenso a partir das 18h e permanece até às 21h, quando geralmente terminam os shows.

Nas quartas-feiras, quando acontece o projeto Tacacá na Bossa, a estrutura para os shows começa a ser montada a partir das 17hs. Trata-se de um pequeno tablado, iluminação e caixas de som, além dos *banners* que informam o apoio cultural do Governo do Estado através da Secretaria de Cultura – SEC e empresa de Água Santa Cláudia. São organizadas aproximadamente 100 cadeiras para o público, como uma forma de delimitar o espaço do show também, que adquire espaços diferenciados, alternando entre à esquerda ou à direita da Barraca de Tacacá. Independente do calor, o público que se torna mais intenso a partir das 18hs, começa a consumir o tacacá (uma ‘sopa’ amazônica feita com goma, tucupí, jambu e camarão), servido bem quente. A banca de tacacá então se torna um

⁴ Esses são dois pontos no Centro onde circulam a maior parte do transporte público.

⁵ A Igreja ainda mantém uma badalada forte e longa para marcar a hora e as outras mais fracas e curtas para marcar os quartos de hora.

‘ponto de encontro’ de vários grupos ligados aos setores artísticos da cidade. Professores universitários também são frequentadores assíduos dos shows. Os músicos se revezam entre artista da noite e público. O que vale é estar presente e ser visto pelos fãs. Nos outros dias da semana, o espaço do tacacá apresenta no telão, para o seu público, documentários sobre a Amazônia e shows de mpb.

No centro da praça, onde fica o Monumento à Abertura dos Portos, a partir das 18hs, é possível ver grupos de estudantes que ficam com violão, ou apenas sentados e conversando. É ponto de encontro. Além da população que o utiliza, o espaço funciona como cenário para locações de época, como a minissérie global Galvez, Imperador do Acre, do escritor amazonense Márcio Souza e também para aulas sobre a arquitetura eclética da cidade, com a presença de alunos de vários níveis, do ensino básico à faculdade (especialmente os cursos de arquitetura, artes e design). Locações para comerciais e matérias jornalísticas sobre cultura para o noticiário local e nacional, são feitas neste espaço. A presença de turistas é notada diariamente. Os ônibus das agências param ao lado do Teatro Amazonas, os grupos saem e vão para o centro da praça fotografar e ouvir o guia que explica sobre a história do Teatro, do Monumento e da Igreja e eles seguem para a visita ao Teatro Amazonas, uma parada obrigatória, porque, nas imagens sobre a cidade de Manaus, o Teatro é uma das mais recorrentes e o principal programa turístico.

Do que se tem registrado sobre percepções de vivência e histórias sobre o Largo e o seu entorno, vale destacar Antônio Carlos Junior, no livro *Dos fantasmas ao tacacá: uma visão sobre o Largo*, que fez um breve relato, juntando percepções e memórias de pessoas que têm no Largo uma referência de trabalho, memória e história da cidade. Assim, há histórias de Joaquim Rodrigues de Melo, historiador, proprietário da Banca do Largo e sua esposa, proprietária da Barraca de Tacacá, o depoimento de Otoni Moreira de Mesquita, historiador da arte, e suas percepções estéticas e históricas sobre o espaço; Joaquim José Farias Caldas, técnico de luz do Teatro Amazonas, com suas histórias sobre os fantasmas do Teatro. O livro também atravessa o Largo, ao encontro do português Armando Dias Soares, proprietário do Bar do Armando. Ele chegou a Manaus em 1953 e passou a administrar o Bar em 1973. Raimundo Nonato Pereira do Nascimento, o “Seo Nonato”, funcionário do Teatro Amazonas, contou histórias sobre artistas que se apresentaram no Teatro. “Seo Nonato” foi pedreiro nas obras de reforma do Teatro, em 1974, e depois disso, foi contratado como funcionário e se mantém

no emprego até hoje (2013). Além destas memórias contadas, o autor também comentou sobre duas “lendas” ou histórias inventadas que fazem parte do imaginário construído em relação ao Teatro. Uma delas é sobre a apresentação do cantor lírico Enrico Caruso, durante o auge da borracha em Manaus. Fato que não aconteceu, mas que permanece como uma das histórias do lugar. Outra é a apresentação de um visitante ilustre, Luciano Pavarotti, em março de 1995. Tal fato teria sido relatado em alguns poucos jornais da época, mas o autor não encontrou as pessoas envolvidas ou outras referências mais confiáveis que atestassem o fato. Ficando por isso, mais uma história na lista das tantas que cercam esse templo das artes. (CARLOS JUNIOR, 2010)

O Largo de São Sebastião foi um espaço construído dentro da nova política cultural do Estado, instalada no final dos anos 1990. Todo o entorno foi contemplado por esse projeto de revitalização, o primeiro nessas dimensões no Centro Histórico de Manaus. É um espaço produzido para o espetáculo, seja para a contemplação do símbolo maior da *belle époque*, o Teatro Amazonas, seja como palco para as grandes apresentações artísticas que passaram a acontecer com sua criação. No entanto, é um espaço que não é unicamente palco para o espetáculo, ele se constitui em espaço de uso intenso pela população, pelo menos, por uma parte da população que o elegeu como ponto de encontro das artes.

Até meados de 2009, havia no Largo, nos finais de semana, fim de tarde, a opção do passeio de charrete que ia da Rua José Clemente (esquina com a Avenida Eduardo Ribeiro), contornando o Teatro, até a esquina da Rua Tapajós com a 10 de Julho, depois voltava. No período áureo da borracha, as famílias abastadas chegavam de charrete para os espetáculos no Teatro Amazonas. Em 2010, já havia seis bicicletas adaptadas para o passeio, guiadas por rapazes, funcionários da SEC. Atualmente não existem mais.

A Praça do Congresso e o Largo de São Sebastião constituem dois espaços propostos dentro desta dinâmica do espetáculo, do espaço para o olhar, para o caminhar, para o fotografar e para o lembrar. A revitalização destes dois espaços é também a revitalização de uma memória. Ou ainda, a construção do espaço é também a construção dessa memória que busca na arquitetura do período da borracha, um passado fundante de identidade cultural da cidade e, na memória afetiva dos anos 1960, a imagem da **Manaus feliz**.

A diferença é que o Largo, como é costumeiramente chamado pelos frequentadores, constitui espaço de múltiplas funções. Está para a circulação, a permanência e a passagem. É espaço para o espetáculo, mas também espaço-espetáculo e espaço-memória. Amplamente consumido pelos turistas e por boa parte da população local. Representa um espaço fotogênico muito divulgado pelos manauaras, que o identificam com orgulho, com o sentimento de pertença.

3.3

Manaus: cidade-cartão-postal

O Centro Histórico de Manaus é um espaço pequeno, se considerado as proporções da cidade. Neste espaço, a arquitetura que guarda as características de conjunto, segue se descaracterizando, mesmo diante de todas as leis municipais, estaduais e federais. Sabe-se que há financiamento de toda ordem que não se efetiva no cuidado com esses espaços. A população em geral se ausenta de um acompanhamento e cobrança desses cuidados porque os problemas estruturais da cidade são tão maiores que sufocam e anulam o Centro Histórico como preocupação prioritária.

O arquiteto Andrey Rosenthal Schlee, na qualidade de Diretor do Departamento do Patrimônio Material e Fiscalização do Iphan, visitou Manaus na ocasião do tombamento do Centro Histórico e ficou surpreso com a presença de duas cidades:

A Manaus representada pela Praça São Sebastião e Teatro Amazonas, com sua arquitetura valorizada, com os espaços públicos qualificados e com grandes níveis de urbanidade. E a Manaus denunciada pela praça XV de Novembro e Igreja Matriz, com uma arquitetura escondida, com os espaços públicos privatizados e com total falta de urbanidade (COSTA, 2013, p. 11).

A diferença é marcada especialmente pela visualidade dos espaços públicos. Enquanto a Praça São Sebastião está revitalizada e aberta para o olhar, a Praça da Matriz está fechada pelo comércio informal e pelo aspecto de abandono do seu entorno. Lembrando ainda que a Praça São Sebastião fica no alto da Avenida Eduardo Ribeiro, na frente do Teatro Amazonas, enquanto a Praça da Matriz fica na parte baixa da mesma Avenida, em frente ao porto.

Então é isso que se percebe: a política segue lenta, revitalizando trechos no conceito da **cidade cartão-postal**, que se presta à representação visual, mas que não se abre para o uso coletivo enquanto espaço público, configurado pela possibilidade da permanência no espaço, no encontro com as pessoas, na programação cultural, ou simplesmente um espaço para sentar e ficar à sombra (algo tão necessário à uma cidade como Manaus). O que se observa é um planejamento voltado para uma ideia que não cabe mais na cidade que se tem hoje. Uma cidade com contrastes cada vez mais gritantes, onde o Teatro Amazonas continua descontextualizado para a maioria da população, mesmo cem anos depois. Descontextualizado no sentido de não fazer parte do cotidiano das pessoas enquanto uso de seu espaço. No entanto, continua fazendo parte e sendo defendido como imagem representativa da cidade. O uso se dá pelo olhar.

Manaus cartão-postal. Essa ideia partiu a partir do conflito ocasionado pela retirada de uma árvore localizada ao lado do Teatro Amazonas, no Largo de São Sebastião, em 2012. O fato ganhou espaço no mesmo dia nas redes sociais e na mídia local, reunindo grupos e indivíduos defensores do meio ambiente. Protestos se seguiram à “morte da árvore”. O discurso da Secretaria de Cultura defendeu o corte da árvore justificando que ela estava doente e que por isso precisava ser cortada. Salientando que 60 (sessenta) novas mudas seriam plantadas no Centro Histórico. No entanto, visualmente o que se percebeu foi que a árvore estava no campo de visão do Teatro Amazonas e no espaço de realização do Festival de Ópera.

No dia seguinte ao corte da árvore, a pesquisadora foi até o local para fotografar e percebeu o espaço que se abria era para o olhar, para apreciar o Teatro Amazonas e, mais ainda, para fotografar. Porque o clima em Manaus não é um convite à contemplação de locais abertos durante o dia, senão brevemente para fotografar. Os espaços abertos, da forma como foram revitalizados, se oferecem ao tempo do olhar passante, visitante, que não se demora porque está de passagem e registra as imagens para olhar depois. As fotos realizadas no Largo de São Sebastião, destacando a lateral do Teatro, mostravam-se um convite à contemplação do espaço registrado. Mas, o espaço propriamente dito não se oferecia à permanência diurna (salvo alguns trechos embaixo das árvores).

Há sombra, mas o mormaço expulsa. Observando postais do período da *Belle Époque*, é possível perceber que os espaços não eram muito arborizados,

não havia bancos, parecendo que eram espaços para o passeio rápido e não para a permanência. Mesmo considerando a diferença climática entre esses dois tempos, uma vez que a cidade cresceu desordenadamente, desde então, abrindo clareiras na mata para abrigar os bairros, há que se entender como uma preocupação maior com o modelo europeu de urbanismo.

Ao se revitalizar estes espaços no final do século XX e início do século XXI, priorizando o desenho do período de sua “construção”, cem anos antes, busca-se retomar uma cidade que não cabe na cidade, pois só cabe nos postais. O sentido desta revitalização é unicamente promocional, voltada para um turismo que ainda não se construiu efetivo e presente na economia local, não fazendo, então, sentido enquanto estiver descontextualizado da realidade local.

Espaços como a Praça da Saudade, depois que passaram pela revitalização, quebraram a dinâmica viva que se tinha com as pessoas. Assim como aconteceu com a Praça do Congresso. Por outro lado, são espaços que se oferecem ao olhar, como cenários prontos para ganharem vida nos registros imagéticos (vídeo e fotografia). Espaços para fotografar e não para ficar. Uma **cidade-postal**, onde o olhar condensado ali pode simular o esquecimento da cidade que vive para além da imagem. E esse para além se dá no próprio espaço apreendido pela fotografia. E se estende ao entorno e às muitas cidades que vivem na mesma cidade.

Quando se visita uma cidade hoje, é comum a pressa que se alia à possibilidade do registro para ver depois, com mais calma. O caminhar de descoberta é corrido. O olhar busca o monumental, o conjunto ou o que se diferencia dele. Mas é o olhar que rege a exploração. Estar nos espaços só faz sentido se fotografado no espaço, para uma memória externa possível de compartilhamento com outras pessoas. A memória do lugar não se constrói mais no tempo de se estar no lugar. Constrói-se fora, no ângulo que favorece uma parte eleita de um todo que o olhar viu, mas que não transformou em memória interna porque não houve tempo. Transformou em fotografia. Não há mais a fruição do espaço no espaço, senão naquele recorte feito pela fotografia.

Ao se visitar um espaço público, o visitante raro se permite parar, sentar e ficar. Respirar o ar daquele espaço, perceber os diferentes sons e cheiros. Olhar o entorno com calma. A disposição do traçado, para onde se abre, para onde se fecha. Observar as pessoas que passam por ele, como se comportam, o que fazem, como usam os espaços, quem é da cidade e quem está de passagem. Que trajeto se

fez até ali. Para onde se vai depois. Que memórias podem ser construídas com e a partir desses elementos, do momento, das sensações. Parar e sentir, muito mais que parar e pensar. Parar e ficar. Parar e viver. Parar para ter memória, para contar histórias, mesmo se a imagem externa faltar. Parar para ser e estar no lugar, mais que passar pelo espaço.

Para quem passa correndo pelas cidades, o álbum de fotos da viagem é o troféu ao final da maratona. Nesse sentido e nesse espaço-tempo contemporâneo, as cidades se oferecem como imagem cenário, postal para registrar e levar. Importa a maquiagem para a velocidade da apreensão, porque não há tempo para ver a cidade de ressaca depois do espetáculo. Uma ressaca composta de seus cheiros, sujos e rugas. Para quê? Quem quer ver? Quem passa quer ver o belo e ser acolhido por essa beleza, pois está buscando também uma fuga do seu mundo, do trabalho, dos problemas. A cidade-postal então é essa que pode ser levada na lembrança, materializando de alguma forma a esperança e o desejo de um mundo melhor, o encontro com o paraíso perdido. Quem passa e quem vive no lugar, bebe dessa mesma esperança. Mas, para quem vive no lugar, a cidade amanhecida e cheia de rugas é uma realidade constante e conflitante. Por vezes, o postal não faz sentido quando não há espaço para colocá-lo, quando tudo o mais é ruidoso e feio. No entanto, se falta esse espaço estético, toda a cidade sente e chora, porque também é preciso um espaço para o olhar, para o sonhar, para o experimentar o paraíso perdido.

A magia dos espaços públicos se encontra nessas percepções, vivências e reflexões. É como um termômetro do que a cidade tem a oferecer, aos seus e aos outros. É um retrato do que a cidade é e de como quer ser vista também por quem passa. Sem espaços públicos, a cidade seria uma prisão. Os espaços públicos dão o tom da cidade. Mas, para perceber isso, é necessário permanecer no espaço. Para que as descobertas aconteçam. Cada espaço tem uma identidade, um ritmo, um humor, ou como diria João do Rio (2008), uma “alma encantadora”. Captar isso é se permitir sentir além do olhar. Cada espaço tem uma energia. Descobrir isso é descobrir nosso tempo interior, fora do relógio, fora da agenda. Parar para sentir é construir memórias internas, no coração, na alma. Costurar memórias internas pode nos possibilitar mais equilíbrio e tranquilidade, porque não vai se perder na memória digital. Espaço para ficar, sentir, viver. Os espaços públicos são por onde a cidade respira e sorri, e as pessoas também.